



ALEGAÇÕES FINAIS ADVOGADO FALA DA INICIATIVA ROCK IN LAW

“O meu pai é o mais velho e ainda toca com José Cid ou Rui Veloso”

RITA CARVALHO

Quando surgiu a oportunidade de criar o Rock in Law, iniciativa que juntará dezenas de advogados num palco para angariar fundos para dois projectos sociais?

Há três anos, a ideia surgiu entre vários advogados amigos de diversos escritórios. O objectivo era apoiar causas sociais mas também aliviar o peso e a imagem que muitas vezes estão associados aos advogados, de que são pessoas formais e cinzentas.

Este espectáculo musical é a prova de que também podem ser pessoas divertidas?

Sem dúvida! Claro que o fundamental é a causa que queremos apoiar e o dinheiro que vamos angariar para os projectos concretos. Mas o Rock in Law também pretende ser uma coisa divertida. Hoje há sociedades que já têm bandas que tocam fora e que têm mini-estúdios no escritório. Acabou por se tornar numa ocupação de tempo alternativa que relaxa da vida pesada, stressada e presa à secretária que temos todos os dias.

Para si é também a continuação dos passos do seu pai [Daniel Proença de Carvalho], que se tornou num dos advogados mais reputados do País, sem nunca abandonar a música...

Sim, também. O meu pai é, aliás, o advogado mais velho do Rock in Law. Aos 69 anos, ainda faz parte da nossa banda e continua a tocar em casa e em ambientes privados, uma espécie de tertúlias musicais. Fá-lo pelo menos uma vez por ano, com artistas profissionais como o José Cid ou o Rui Veloso. **A música é, então, algo que já vem de casa?**



FRANCISCO PROENÇA DE CARVALHO

Tem 30 anos. É advogado e músico nas horas vagas

“

Na adolescência passou-me pela cabeça ser músico. Mas o meu espírito mais racional levou-me para a advocacia”

Sim. Este espírito foi sempre cultivado em casa. Comecei a tocar aos seis anos, na banda dos meus pais. Acho que, na altura, me incentivaram porque precisavam de um baterista... Claro que o contexto é importante, mas o gosto também ajuda. Depois formei uma banda na escola, onde tocava bateria. Ainda hoje actuamos ao vivo, em momentos cada vez mais raros, claro, porque temos família e vidas profissionais complicadas. A minha mulher também canta e o meu filho de dois anos já gosta imenso de música.

Alguma vez chegou a vacilar entre uma carreira na música e na advocacia?

Houve um momento na adolescência que me passou este sonho pela cabeça. Mas o meu espírito mais racional levou-me para a advocacia. Era preciso muita coragem, e também acho que não tinha talento para tanto.

Como se repercute na vida pessoal e profissional destes advogados e sociedades uma iniciativa como o Rock in Law?

O mais interessante é ver que estamos todo o dia no escritório ou no tribunal, onde há advogados mais velhos, mais novos, de áreas diferentes, e depois à noite, no ensaio, somos todos iguais. A música é muito democrática e aproxima as pessoas. Há um grande sentimento de igualdade e liberdade. Chegamos ao palco, e é a música que nos importa.

E não há espírito de competição entre as várias sociedades de advogados?

No dia-a-dia sente-se sempre um pouco de competição entre as sociedades. Mas o Rock in Law afasta esse espírito de concorrência. Não é um concurso, nem há a tentação de haver vencedores. O ambiente é saudável e passa-se uma noite extraordinária.